

NARRATIVAS DE PERUANOS VENDEDORES AMBULANTES QUE VIVEM EM BOA VISTA-RR

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade identificar mostrar as primeiras considerações sobre a pesquisa voltada para os peruanos vendedores ambulantes que vivem em Boa Vista-RR. Entretanto, por não ter ainda nenhuma conclusão sobre o que está sendo pesquisado, será apresentado somente algumas considerações referentes a um levantamento bibliográfico e as entrevistas que foram realizadas com dois peruanos vendedores ambulantes.

Neste sentido, pode-se afirmar que esta etapa, correspondente ao levantamento bibliográfico, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho e para embasar a metodologia que está sendo utilizada no decorrer da pesquisa.

Cabe acrescentar que o objetivo deste texto é mostrar que além de ser um desafio às políticas internacionais e às políticas internas, a imigração é uma realidade econômica e social. Tal situação nos leva a verificar que o fenômeno migratório tem estado presente ao longo da história da humanidade, chegando a oferecer muitas vezes oportunidades para as pessoas que se deslocam entre Estados nacionais.

Percebe-se ainda que um outro interesse deste trabalho é, sem dúvida, esclarecer que as culturas são constantemente reinventadas, isto é, podem ser refeitas a partir dos fluxos populacionais. Portanto, no decorrer do texto será possível constatar que a mobilidade populacional é capaz de contribuir com a manutenção das diversidades culturais nas sociedades complexas, podendo desta forma, fazer com que a imigração possa abrir a oportunidade para se repensar a própria identidade, em termos das representações de raça, nacionalidade e etnicidade.

É importante ressaltar que este trabalho abordará algumas questões sobre o método de História Oral, utilizado em pesquisas de caráter sócio-histórico, por ser um grande colaborador nas tentativas de capturar e compreender as visões de mundo de diferentes grupos sociais.

No entanto, para fundamentar este artigo será mostrada inicialmente uma discussão sobre os intensos deslocamentos populacionais que ocorrem no estado de

Roraima, para depois partir para algumas considerações feitas acerca da presença de peruanos que atuam com a venda ambulante na capital roraimense.

2. DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS EM RORAIMA

O estado de Roraima localiza-se no extremo norte do Brasil, tem como capital a cidade de Boa Vista, e faz fronteira ao Norte e Nordeste com a Venezuela, ao Leste com a República Cooperativa da Guiana, além de divisas ao Oeste e ao Sul com o Estado do Amazonas e ao Sudeste com o Pará. Seu território compreende uma área de 225.116,1 km² e é composto, em sua maior parte, por terrenos cristalinos pertencentes ao Escudo das Guianas.

O fato de ser considerado um local de múltiplas fronteiras faz com que além de movimentos migratórios internacionais, também ocorra no referido estado, movimentos migratórios inter-regionais. Atualmente as taxas migratórias inter-regionais ainda são altas. O Pará é o estado que vem se consolidando como principal lugar de origem dos migrantes, podendo ultrapassar o estado do Maranhão. No entanto, pode-se inferir que o Pará é um dos estados de trajetória migrante dos nordestinos e, em especial dos maranhenses.

Esses migrantes nordestinos passam por vários estados antes de chegarem à Roraima. Tal fator nos leva a constatar que o fluxo migratório além de ser um fato histórico faz parte da organização da sociedade roraimense, pois para uma boa parcela da população a trajetória migratória está associada à possibilidade de “melhorar de vida”.

Tudo que foi exposto acima nos ajuda a perceber que Roraima é um estado que se insere no contexto das migrações, principalmente, por constituir-se em lugar de recepção de grande fluxo de pessoas tanto nacionais, como estrangeiras. Esses deslocamentos, por um lado, devem ser percebidos como processos sociais e, por outro, como processos simbólicos que constroem significados culturais, o que pressupõe a conservação e/ou ressignificação da cultura de origem trazida de outros lugares (RODRIGUES, 2006).

Tal questão nos leva a perceber que muitos grupos de migrantes procuram construir uma vida comum no novo espaço de moradia criando estratégias de convivência

e formas de comunicação, ao mesmo tempo buscam manter costumes e práticas sociais pertencentes à vida do lugar de origem.

Segundo Geertz (1978), as práticas de deslocamentos devem ser entendidas como constitutivas de significados culturais e identitários, visto que é o processo de transitar entre espaços fronteiriços faz com que os migrantes necessitem (re)elaborar, selecionar, revisar e (re)apropriar-se de novos signos culturais e identitários.

No caso dos fluxos migratórios internacionais, dados oficiais e não oficiais afirmam que está ocorrendo uma novidade no quadro dos deslocamentos populacionais na capital de Roraima, a cidade de Boa Vista. A partir do ano 2000, por exemplo, tem sido impactado não só na cidade de Boa Vista, mas no estado de Roraima como todo, um deslocamento transfronteiriço, ocasionando modificação no perfil do migrante estrangeiro. Ou seja, em Roraima eram mais visíveis os imigrantes guianenses, até porque na década de 1960 a imigração de guianenses foi estimulada pela crise política e econômica que passou a predominar na República Cooperativa da Guiana (BARCELOS, 2001).

Contudo, verifica-se uma novidade no quadro da migração internacional, em especial na cidade de Boa Vista, onde atualmente podem ser vistos circulando na cidade, tanto imigrantes colombianos, como peruanos e de outras nacionalidades atuando no setor informal do comércio ambulante no centro da cidade, nas feiras, nos espaços de lazer, etc. Porém, não há dados oficiais que quantifiquem a quantidade desses imigrantes, uma vez que a maioria vive em situação de irregularidade, quanto a documentação, correndo, inclusive risco de deportação (Relatório do Projeto de Pesquisa “Deslocamentos populacionais na fronteira Brasil & Venezuela”, 2007). Sabe-se apenas que atualmente existe cerca de 1.668 estrangeiros cadastrados na Divisão de Controle de Imigração da Polícia Federal de Roraima, porém a própria Superintendência da Polícia Federal reconhece que existe muito mais. Entre esses estrangeiros, predominam em maior quantidade os guianenses, os venezuelanos, os peruanos e os cubanos, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 01: Grupos de estrangeiros em Roraima (Ano 2009)

Estrangeiros em Roraima	
Nacionalidade	Nº de estrangeiros
Guianenses	292
Venezuelanos	234
Peruanos	220
Cubanos	187

Fonte: Superintendência da Polícia Federal-RR (2009).

3. A PRESENÇA DE IMIGRANTES PERUANOS EM BOA VISTA-RR

Como os peruanos se apresentam em número expressivo, visto que em quase todo lugar da cidade de Boa Vista é possível visualizar algum peruano realizando a prática da venda ambulante, o interesse deste trabalho é reconstituir as narrativas da trajetória migratória dos peruanos em Boa Vista-RR, bem como, o processo de construção das representações desses migrantes internacionais a respeito de si e do “outro”, os roraimenses. Para isso, utilizarei como auxílio a teoria das representações sociais, que tem como procedimento metodológico observar a vida cotidiana dos sujeitos através da expressão do senso comum, que é elaborado socialmente, funcionando no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade, a partir de um conteúdo simbólico e prático (MOSCOVICI, 1961).

Contudo, é a falta de dados oficiais sobre a quantificação da nova tendência dos migrantes internacionais em Roraima, é um dos principais motivos da realização deste trabalho, que abarcará o período de 1990 à 2010. Outra questão de extrema relevância é poder verificar como a venda ambulante surge como fonte geradora de empregos, além de disponibilizar ao consumidor uma gama de produtos com preços considerados acessíveis. Além do mais, esta atividade está bastante associada a imigração, visto que continua a ser praticada de maneira expressiva pelos povos ciganos.

É importante acrescentar que são poucos peruanos que realmente pretendem fixar moradia em Boa Vista. Muitos deles utilizam a capital roraimense apenas como uma rota de passagem para outros países ou para outras cidades brasileiras. Isso nos comprova que a definição da imigração varia segundo os objetivos do estudo e até mesmo segundo a percepção do fenômeno (CUNHA & PATARRA, 1987). Ou seja, o

estudo empírico da imigração requer a precisão de certos critérios, que se, por um lado, facilitam a operacionalização da definição, por outro, impõem certas restrições.

Logo, é possível constatar que não existe uma teoria geral da imigração. Nessa perspectiva, pode-se inferir que o estudo da imigração representa um grande desafio e somente pesquisas específicas permitem apreender este componente em uma dimensão mais ampla. Entretanto, não se deve esquecer que o imigrante ao se deslocar leva consigo seu universo simbólico, possibilitando com que as culturas viajem (BAUMAN, 1999). Tal questão nos leva a constatar que nos dias de hoje, a mobilidade parte do tecido social no qual se redefinem as experiências do indivíduo.

Mas de um modo geral, este trabalho tem como finalidade buscar responder algumas questões voltadas para esta temática, assim como “que narrativas da trajetória migratória é construída pelos peruanos que vivem em Boa Vista-RR?”; “O que leva esses peruanos a se deslocarem do Peru para trabalharem com a venda ambulante em Boa Vista-RR?”; “Quais contribuições esse grupo étnico dá ao crescimento urbano da capital roraimense?”.

Quanto a metodologia pode-se afirmar que o estudo está sendo desenvolvido na área comercial do centro da cidade de Boa Vista e nas feiras do Produtor e do Garimpeiro, locais onde os peruanos que trabalham com a venda ambulante são encontrados com mais frequência.

Para coleta dos dados está sendo utilizado o método da História Oral, um instrumento de pesquisa que se baseia na técnica da entrevista semi-estruturada e da observação participante. Cabe acrescentar que de acordo com Minayo (1996, p.122) a entrevista semi-estruturada pode ser definida como “conversa com finalidade onde o roteiro serve de orientação, de baliza para o pesquisador e não de repressão da fala dos entrevistados”. Conseqüentemente, a observação participante é um complemento das entrevistas, que tem como propósito coletar os dados sobre os comportamentos e as reações das pessoas.

As entrevistas estão sendo orientadas por questões relacionadas a experiência migratória dos peruanos vendedores ambulantes e, por isso, não está seguindo uma seqüência rígida; ou seja, os entrevistados falam livremente.

Neste sentido, é comum compreendermos que a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. No entanto, não é sinônimo de História de

Vida. Esta última pode ser considerada um relato autobiográfico, onde pode ser feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo (FREITAS, 2006).

Em relação à atividade de trabalho de campo que iniciou em agosto de 2009, foi possível perceber através da conversa informal com alguns deles, que muitos desses peruanos estão em Boa Vista apenas de passagem, pois o objetivo da grande maioria é seguir para a Venezuela ou conhecer outras cidades brasileiras. Entretanto, não pretendem voltar ao país de origem.

Percebe-se que boa parte deles são pouco qualificados. Por isso, a atividade de vendedor ambulante acaba sendo a saída mais fácil para quem não conhece as regras do mercado de trabalho e encontra-se numa situação vulnerável de indocumentação. Esses que estão indocumentados entram no Brasil como turista ou sem nenhum controle oficial. Permanecendo, portanto, de forma clandestina. Em geral eles são solteiros e do sexo masculino (SILVA, 2009).

É importante ressaltar que a maioria dos peruanos saem de Tabatinga ou de Manaus, no Amazonas, em busca de melhores condições de vida. Já que lá por se concentrar um número expressivo de peruanos, o mercado tornou-se saturado. Quando chegam aqui disputam espaço no mercado boavistense vendendo bugigangas.

Embora, em última instância, não consigam se tornar grandes comerciantes, a opção pela venda ambulante passa pelas facilidades na atividade, visto que no serviço informal não pagam impostos. Um número expressivo deles moram em pensões e vilas próximas ao centro de Boa Vista. Geralmente os que resolvem fixar moradia na capital boavistense, casam-se com brasileiras.

Neste sentido, é possível constatar que os grupos étnicos podem se formar e se transformar sobre o efeito das migrações, do comércio e da conquista. Além disso, as identidades de um determinado grupo podem ser vistas como relativas e mutantes (SKINNER apud POUTIGNAT & STREIFF-FERNAT, 1998).

Outra questão interessante é que esse deslocamento de peruanos para Boa Vista-RR nos ajuda a perceber que a imigração permite aos imigrantes estabelecer pontes entre as sociedades de origem e destino a construir espaços além das fronteiras geográficas, culturais e políticas.

4. ALGUMAS NARRATIVAS DE HOMENS PERUANOS VENDEDORES AMBULANTES

Sabemos que a interpretação requer que o pesquisador exponha sua compreensão através dos argumentos. Neste contexto, compreender é presumir sobre a interpretação obtida, considerando o quadro de referência do sujeito.

A discussão exposta acima nos ajuda constatar que a narração não é meramente um veículo de transmissão. Os teóricos do narrativismo sustentam que o discurso narrativo é muito mais do que um veículo, visto que obedece muitos códigos e que existem diversos tipos de narração. Paul Ricoeur, por exemplo, ao analisar diversas formas existentes de narrativa e em reconceitualizar as relações existentes de relato mítico, histórico, ficcional e o mundo real, obtém a tese de que acontecimentos históricos possuem a mesma estrutura do discurso narrativo, distinguindo os acontecimentos históricos dos naturais (ARÓSTEGUI, 2006).

Cabe acrescentar que o significado na narrativa histórica pode ser inserido no contexto da história oral, que tem como matéria a memória, que pode vir a tona através de estímulos diretos.

Portanto, a história oral é uma ferramenta que ajuda a entender os “mundos internos” dos indivíduos. Se torna, na verdade, uma experiência compartilhada, pois a entrevista acontece com um diálogo, um espaço aberto ao aconchego, a confiança e o respeito (MEIHY, 1996, p.55).

Para que se compreenda melhor esse fenômeno, a partir de agora serão feitos alguns comentários sobre as entrevistas realizadas com os dois peruanos vendedores ambulantes.

O “entrevistado 1” tem 39 anos, nasceu em Lima (Peru), e reside em Boa Vista há aproximadamente três anos. Não concluiu os estudos (estudou até a terceira secundária). Quando chegou aqui estava solteiro, mas acabou casando com uma maranhense. No entanto, só veio para Boa Vista porque queria ir para a Venezuela, já que possuía o interesse de continuar trabalhando com a venda, pois sempre soube que naquele país o movimento econômico é mais forte que no Peru:

“[...] para ir para a Venezuela eu ia simplesmente para trabalhar em um negocio, com a venda de produtos e algo mais, para ter o dinheiro diário, o dinheiro de todo dia. Eu ia para isso mesmo, pra trabalhar assim, negociar” (homem peruano 1, 39 anos).

Mas como encontrou dificuldades para ficar lá, já que afirmou haver muito controle com o estrangeiro, mesmo que ele tenha passaporte, voltou para Boa Vista:

“[...] lá em Venezuela é bom. O único problema de lá é que as autoridades são um pouco mais rígidas com os estrangeiros. Se você for em Santa Elena você não encontra muito problema lá, mas lá para frente, por mais que tenha passaporte você não pode entrar mais, você necessita de permissão. Até mesmo o brasileiro encontra problemas para entrar lá [...]” (homem peruano 1, 39 anos).

Em relação a sua trajetória o mesmo deixou claro que não encontrou dificuldades para chegar em Boa Vista. De acordo com ele, um convênio que o governo do Peru estabeleceu com o Brasil facilita a entrada de peruanos em solo brasileiro. O próprio percurso que ele realizou também foi tranquilo. Saiu de Lima direto para Tabatinga-AM, passando pela selva peruana. Quando chegou em Tabatinga deslocou-se para Manaus, ficando lá o tempo necessário para comprar a passagem para vir para Boa Vista.

O interessante é que quando chegou em Boa Vista foi direto para o centro da cidade, nos comprovando que essa é uma característica do peruano:

“[...] Quando eu cheguei aqui eu fiquei no centro. Sempre quando eu chego em algum lugar eu procuro o centro porque o centro é onde se encontra a realidade de tudo, é onde se encontra tudo” (homem peruano 1, 39 anos).

Quanto às dificuldades que encontrou quando chegou em Boa Vista, ele afirmou que encontrou dificuldade apenas com a língua, porque quando chegou entrou em contato com outros peruanos e estes o atualizaram sobre a realidade da cidade, informando principalmente como era a movimentação econômica do local. De acordo com ele, a capital de Roraima tem muitos peruanos e de todos os peruanos que conhece 98% trabalham com a venda. Os outros 2% são professores, farmacêuticos e outros estão estudando.

De acordo com esse peruano tanto a venda ambulante quanto a imigração são características culturais do peruano:

“[...] quase todo peruano, se dedica a compra e venda de qualquer coisa... Já é cultural. Lá no Peru toda coisa feita a mão, tem um valor. Então aqui em Boa Vista em compro alguma mercadoria que é do agrado da pessoa e vou vender né? É de acordo com a realidade do lugar. Porque quando chega aqui

a pessoa tem que procurar um trabalho porque já fica sem dinheiro. Então o peruano tem esse costume. [...] quando se estuda um pouco de história, você ver que a cultura peruana se expandiu em toda América do Sul. [...] O peruano sempre gosta de viajar, de conhecer, basta ouvir falar em lugar bonito e haver um interesse em querer conhecer [...]" (Homem peruano 1, 39 anos).

Esse peruano também afirmou que não pretende mais voltar morar no Peru, pois como está casado com uma brasileira deseja permanecer no Brasil. Se for lá será apenas para visitar a família. No entanto, em Boa Vista também não pretende ficar, já que tem o desejo de conhecer outras cidades brasileiras, em especial as cidades grandes.

Sobre os brasileiros, em especial os boavistenses ele afirmou que são pessoas boas. Nunca recebeu maus tratos de nenhum brasileiro, muito menos dos boavistenses. Em relação a Boa Vista ele afirmou que é uma cidade tranqüila, onde a economia se move mensalmente e representa uma mistura das pessoas que vieram de outros estados.

Outra afirmação interessante é que de acordo com ele a polícia brasileira é bem educada, tem um pouco mais de cultura. Ao contrário da polícia do Peru, que trata até mesmo os próprios peruanos como delinqüentes.

Por sua vez, o "entrevistado 2" nasceu em Huancayo (Peru), tem 27 anos e vive em Boa Vista desde o ano 2002. No entanto, chegou no Brasil no ano 2000. Assim como o "entrevistado 1", ele também não deu continuidade aos estudos. Estudou apenas até o que é equivalente ao ensino médio aqui no Brasil.

A sua saída do Peru foi estimulada pelo desejo de visitar um tio que vivia no Amazonas, portanto, veio apenas a passeio, mas depois acabou gostando do Brasil e está aqui até hoje.

Desta forma, pode-se dizer que a sua trajetória migratória ocorreu da seguinte maneira:

"[...] Primeiro fui para uma cidade perto de onde eu morava (Ucalpa), aí fui para Iquitos de avião, que é no Peru ainda. De lá eu peguei um navio, um expresso, que é um expresso rápido que se chama, que vai direto para a fronteira de Tabatinga. Para Tabatinga foi menos de seis horas de viagem. Foi rapidinho. Aí fiquei em Tabatinga, esperei um barco, um navio grande que ia para Manaus, aí vim pra cá [...]" (Homem peruano 2, 27 anos).

Cabe acrescentar, que foi desde quando chegou em Manaus que esse peruano começou a trabalhar com a venda de produtos diversos. Antes de chegar em Boa Vista passou por algumas cidades do Amazonas e também por algumas cidades do sul do estado de Roraima, como por exemplo, Rorainópolis e Caroebe. Mas afirmou ter

encontrado algumas dificuldades principalmente nas cidades roraimenses, pois lá o comércio era pouco movimentado e a saúde também era muito precária. Foi por essas questões que se deslocou para Boa Vista.

Da mesma forma como o “entrevistado 1”, esse peruano também procurou o centro da cidade, nos comprovando novamente que essa é uma tendência no deslocamento do povo peruano:

“No centro tem mais facilidades. É perto de tudo [...] do banco, do supermercado. É um movimento no coração das capitais [...] O dinheiro mesmo está no centro. Nos bairros não tem essa chance” (Homem peruano 2, 27 anos).

Quanto as dificuldades ele afirmou que aqui em Boa Vista não encontrou muitas, a única que encontrou está relacionada a língua. No começo ele estranhou a comida brasileira porque ela não é tão variada como a peruana, mas fora isso ele gosta de viver na cidade. Uma prova disso é que não pretende voltar a viver no Peru. Só quer ir lá mesmo visitar. No entanto, também pretende conhecer as grandes cidades brasileiras e talvez retorne a Boa Vista.

A situação mencionada acima nos remete as idéias de Velho (2004), que deixa claro a importância de se esclarecer o que entendemos por outra cultura, isto é, questiona quando e como podemos fixar os limites entre as diferenças, experiências e tradições de grupos determinados.

Neste contexto, percebe-se que a existência de tradições diferentes coloca o problema da comunicação entre os grupos e segmentos dela portadores. Além disso, constata-se que o relativismo cultural possui a capacidade de contextualizar os valores envolvidos em função de experiências sócio-históricas particulares (VELHO, 2004, p. 29).

Em relação à imigração e a venda ambulante o “entrevistado 2” confirmou que essas duas questões estão mais ligadas as necessidades do indivíduo em melhorar de vida, não descartando a idéia de que a venda ambulante está associada a irregularidade e de que a imigração também é estimulada pelos fatores econômicos:

“A maioria da gente que vem lá do meu país, do Peru, tem algumas outras profissões, né [...] Aí só que a gente que chega irregular sem documento, a primeira coisa que a gente faz é começar a trabalhar na rua, sendo vendedor ambulante e aí monta o próprio negócio. A finalidade de todo o imigrante, de todo peruano é chegar, começar de baixo e montar o próprio negócio [...] A venda é uma necessidade de sobrevivência [...] A facilidade que outros países vizinhos da pra gente né, incentiva o cidadão sair de lá [...] No Peru as coisas não vão bem [...]” (Homem peruano 2, 27 anos).

Quanto aos boavistenses esse peruano afirma que são pessoas ótimas, acolhedoras. Mas infelizmente chega a ser maltratado por aqueles não respeitam o fenômeno migratório, que tratam o imigrante como um invasor que não possui o direito de usufruir das riquezas oferecidas pelo Brasil. Mas de modo geral, de acordo com ele não há muitas diferenças entre peruanos e brasileiros, pois ambos possuem culturas parecidas. A única coisa que difere é a língua.

Para finalizar essa seção é importante que se faça algumas reflexões sobre as falas dos peruanos vendedores ambulantes que foram entrevistados. Tais reflexões podem ser fundamentadas a partir do texto “Os grupos étnicos e suas fronteiras” de Fredrik Barth.

Barth (2000, p.26) nos esclarece que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam, isto é, as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e incorporação. Isso nos leva a concluir que as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitações sociais, podendo colaborar com que as diferenças culturais possam ser construídas dentro de determinado grupo. Contudo, as diferenças culturais acabam surgindo mesmo sem percebermos. Surgem a partir de um contraste cultural preestabelecido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de haver contradições entre a hipótese inicial da pesquisa¹ com as narrativas dos peruanos que foram entrevistados até o presente momento, percebe-se que esta pesquisa contribuirá para mostrar que está havendo uma mudança no contexto migratório do estado de Roraima.

Tendo em vista essa tendência, considera-se que estudar a imigração em Roraima justifica-se a medida em que é necessário a realização de políticas públicas que

¹ A hipótese inicial desta pesquisa é de que os peruanos constroem as narrativas acerca da trajetória migratória a partir do aspecto econômico. Muitos se deslocam com a expectativa de alcançar uma vida melhor ou fugir da ausência de perspectivas de futuro em seu país de origem. Contudo, ao chegarem a Roraima, a única opção é residir na capital e garantir o sustento como vendedor ambulante.

além de desconstruírem os estereótipos que a população roraimense tem sobre os imigrantes peruanos, possam auxiliar esses imigrantes a se adaptarem ao novo contexto social, possibilitando assim uma maior integração entre a cultura brasileira e a peruana.

Fica visível também que apesar de algumas dificuldades encontradas por muitos peruanos, o Brasil ainda continua sendo o país das oportunidades e das múltiplas possibilidades de mobilidade econômica e social.

Pode-se constatar ainda que, para construir conhecimento científico captando e analisando relações humanas, sempre é necessário que ocorra o aprofundamento em determinado estudo. Por isso, muitos pesquisadores são conscientes de que discussões e estudos voltados para temáticas como, por exemplo, migração, diversidade cultural e o desenvolvimento econômico sempre devem ser aprofundados.

Para concluir pode-se afirmar que o fato de a mobilidade humana estar ocorrendo de forma intensa, os estudos citados acima acabam se tornando estudos interessantes em qualquer área científica. Além do mais, ajudam inúmeros atores sociais a refletirem sobre temáticas deste tipo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

BARCELOS, C. et al. **A geografia da AIDS nas fronteiras do Brasil**. 2001. Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/pdf>>. Acesso em: 29/09/2009.

BARTH, Fredrick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro – RJ: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização e as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

CONTANDRIOPOULOS, A. P.; CHAMPAGNE, F. **Saber preparar uma pesquisa**. 2ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco, 1997.

CUNHA, J. M.; PANTARRA, N. L. **Migração: um tema complexo**. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, vol.1, nº2, julho/setembro 1987, p. 32-35.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. RJ: Guanabara Koogan, 1989.

HILY, M. A. **As migrações contemporâneas: dos Estados e dos Homens**. São Paulo: Seminário Cultura e intolerância.

Imigração-Imigrar-Imigrante. **Glossário (Instituto Migração e Direitos Humanos)**. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/glossario/> Acesso em : 25/03/2009.

MEIHY, José Augusto Sebe. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo-SP: Loyola, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco, 1996.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MOURA, H. A. de. **Migração Interna (textos selecionados)**. Fortaleza-CE: BBN, 1980.

OLIVEIRA, M. M. de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. In: **Estudos Avançados 20 (57)**. São Paulo: 2006, p.183–196.

OSMAN, S. A. **Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica migratória e História Oral de vida** (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2006.

POUTIGNAT, Philippe;STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo-SP: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RODRIGUES, Francilene dos Santos et all. **Projeto de Pesquisa Deslocamentos Populacionais na Fronteira Brasil – Venezuela**. Boa Vista – RR: UFRR, 2007.

_____. Migração transfronteiriça na Venezuela. In: **Estudos Avançados 20 (57)**. São Paulo: 2006, pp.197-207.

SILVA, Sidney A. da. **Hermanos Amazônicos: Peruanos e colombianos na Tríplice Fronteira e em Manaus**. GT 14 – Migrações Internacionais: fronteiras e diversidade étnico-culturais. II Reunião Equatorial de Antropologia / XI Reunião de Antropólogos do Norte – Nordeste. Natal – RN: UFRN, 19 a 22 de Agosto de 2009.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7 ed. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar, 2004.